

## O QUE QUEREMOS

NA linha de pensamento que todo o mundo já conhece — incluindo a Rússia — o prof. Salazar pôde vincar novamente a sua inabalável posição de «leader» do anticomunismo ocidental.

Para nós, o lúcido documento é, mais que tudo, uma manifestação de apreço pela milícia legionária, essa organização patriótica que tem por padroeira Nossa Senhora da Conceição e por símbolo a Cruz de Aviz — tradição e lealdade aos nossos destinos da Nação livre e independente, navegadora e missionária.

Podemos, sem favor, reconhecer no Presidente do Conselho o inovador que soube aproveitar o que restava desse espólio de ideias mestras e de património valioso, que nos tornara grandes no passado, para lhes insuflar na essência mais extenso conteúdo, numa forma actual e presente.

O mundo, que se habituara a ver em Portugal, há

De vez em quando...

## ÁRVORES

Pelo prof. Trindade e Lima

AGORA por este tempo enregelado do Natal, lembrei-me: (Quanto ainda se lembrarão disto?) Na nossa Sociedade, para combater o frio, fazíamos grandes fogueiras na lareira. Em certa vez, empilhávamos grandes faxinas de esteva e fazíamos-as arder. Um de nós, não sei já qual, foi à rua ver o efeito das faúlhas saindo pela chaminé. Foi a Providência que ali o levou, porque o telhado tinha começado a arder.

De outra vez, soubemos de um enorme tronco de azinho abafado na chapada de um alto monte sobranceiro ao rio. Ainda ficava a uns quilómetros da vila. Estava mesmo na conta para madeira do Natal. Feito o pedido ao dono e deferido, abalámos. Quantos eramos? Muitos e nem poucos podiam ser para trazer tão desabalado peso, a pau e corda, por invios caminhos. Já não me recordo quantas noites o tronco levou a arder. Em cima dele nos sentávamos, enquanto a outra extremidade era uma brasa rubra.

A que veio esta recordação já tão longínqua? Quem a despertou? A visita dos senhores subsecretários de Estado da Agricultura e do Comércio e Indústria a terras do Alentejo e Trás-

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

## “NOTÍCIAS DO ALGARVE”

Tiveram a gentileza de enviarem-nos cumprimentos de Boas Festas, que reconhecidamente agradecemos e retribuimos, as seguintes entidades:

Transportes Aéreos Portugueses, Lisboa; Estalagem S. Cristóvão, Lagos; Centro de Enseñanza Média y Profesional de Ayamonte; Rádio Ayamonte; Polícia de Segurança Pública de Vila Real de Santo António; Centro Madeirense do Porto; José dos Santos Stokler, Faro; António Mendes, Montijo; Associação de Futebol de Faro; Associação de Socorros Mútuos de Faro; Antero Nobre, Queluz; José de Carvalho e Régio, Macau; Trindade e Lima, Lisboa; Casa dos Rapazes, Faro; Casa do Algarve, Lisboa; Avelino Vicente, Lisboa; 2.º tenente Manuel Francisco dos Santos Domingues, Faro; Guarda Nacional Republicana, Vila Real de Santo António; jornalista Cardoso Martha; Conselho de Administração do Jardim Zoológico de Lisboa; Rádio Press Office, Lisboa; Alvaro Duarte Gomes, Algoz; Pensão Avenida, Liboa; Joaquim Gonzalez Saénz, Sevilla.

mais de cem anos, um País decadente, que estava passando por convulsões denunciadoras de uma crise íntima que conduziria à ruína total ou a uma nova era de grandezas, mobilizada uma quota parte do seu potencial, a imediatamente indispensável, viu que um Mestre da acção, da consciência e da inteligência, tomava a direcção dos seus momentos a contar para a História.

Não foi extemporânea ou brutal a reparação de Portugal no panorama internacional. Foi uma larga reacção, processada através de muitos anos, de muitos esforços, de muito sacrifício. Paulatinamente, criou raízes, raízes que teimaram em não morrer, em não secar. Salazar é a árvore frondosa, completa, mobilizadora

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

## VAI SER ERGUIDO EM FARO

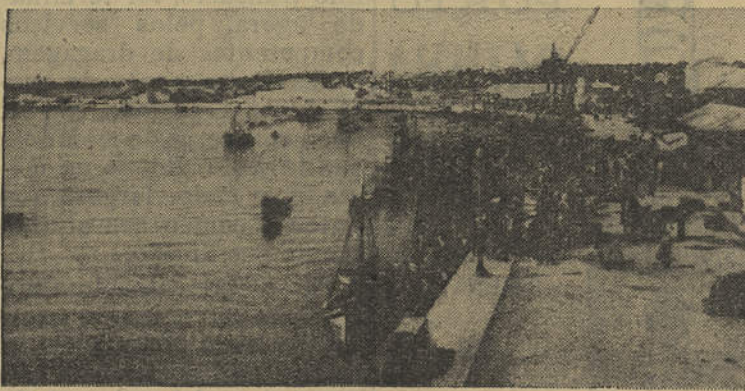
### UM BUSTO AO BENEMÉRITO

### ABOIM ASCENSÃO

Por proposta do vereador sr. Raul Bivar Weinholtz, a Câmara Municipal de Faro resolveu, por unanimidade, mandar erigir um busto do coronel Rodrigo António de Aboim Ascensão, na placa do largo de S. Sebastião, junto à rua a que há anos foi dado o nome do saudoso benemerito, a quem, entre outros actos de benemerência, se ficou devendo a fundação do Refúgio de que também é patrono.

Para a obtenção dos necessários fundos, já em grande parte assegurados, foi constituída em Lisboa uma comissão de amigos do homenageado, sob a presidência do sr. dr. Amadeu Ferreira de Almeida.

Em breve, devem começar as obras de urbanização do largo onde deverá ser colocado o busto, cuja inauguração deverá efectuar-se dentro de poucos meses.



PORTIMÃO — Um aspecto do molhe-cais

## ACTIVIDADES DA CAMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO

DO ilustre presidente da Câmara Municipal de Portimão, recebemos, numa plaqueta de excelente apresentação gráfica, o Relatório da Gerência daquele Município, referente ao ano de 1955. Como nos anteriores Relatórios — este é o 7.º — apresentado pelo actual presidente, sr. Salvador Gomes Vilarinho —, as actividades municipais do concelho de Portimão são expostas em linguagem clara e concisa, em que a prosa extensa é substituída pela concretização e eloquência dos números, que, em mapas e gráficos sucessivos, nos dão uma ideia exacta e minuciosa das referidas actividades, em todos os seus sectores e nos mais insignificantes pormenores.

Um «Relatório e Contas» dos

## Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

### Um casaco para o frio

A N. é minha amiga. Uma jóia de coração. Não é rica, vive do seu braço. (Não sabem o prazer com que digo de uma rapariga: Vive do seu braço... É uma conquista maravilhosa, esta dos nossos braços. Não lhes parece, amigas?) Bem, vive do seu braço; e, como o seu braço é frágil, não se pode dizer que viva desafogadamente. Não. Por exemplo: friorenta como é, juntou, nos meses de verão, para comprar um casaco no inverno. Do que ela prescindiu, a formiguinha! De quantos livros gulosamente espreitados, de quantos passeios, quantos sonhos adiados, proscritos pelas moedas que, lentamente, se iam acumulando na gaveta... Bem, mas tudo passou. Agora, a N. tem o seu casaco. Simples. É bonito, um escocês cinzento, bem desenhado. Com o frio que tem estado, imaginem se não é para lhe ter amor! Pois, há dias encontrei a N., transtornada, no seu casaco comprido.

— Bonito! — disse-lhe eu. — E bem feito.

— Sim... É quente.

— Mas, não gostas dele?

— Gosto... Não é feio.

— Tudo quanto compras nada é feio.

— Coisas tuas.

— Foi caro?

— Duzentos escudos.

— E de fazer?

— Trezentos.

— Mas ouve lá... Estas desencantada dele, é isso?

— Não... Faz-me arranjo...

(CONCLUÍ NA 2.ª PÁGINA)

## A CRIANÇA E A CIÊNCIA

Por ANTONIO CORREIA

NOS anos anteriores ao início da última guerra, as nações que seguiam na vanguarda da civilização revelavam um especial interesse pela protecção à criança, dispendendo avultadas somas nos seus orçamentos para várias instituições de assistência infantil. Parecia assim justificarse a denominação de «século da criança», que era uso atribuir-se à nossa época e que resultara dos

progressos maravilhosos das ciências psicológicas nos últimos anos, permitindo uma utilização social dos seus princípios em variados domínios da actividade humana.

Vinham já do século XIX as primeiras tentativas de observação científica da criança, aumentando consideravelmente no último quartel deste século o interesse pelos problemas infantis, não só no domínio da psicologia como na medicina, na sociologia e especialmente na pedagogia.

Devendo-se atribuir aos médicos os primeiros estudos de carácter científico — pela anotação de observações efectuadas em algumas crianças — já nos princípios do século actual se podiam estabelecer as bases duma psicologia infantil, abrindo-se largos horizontes no estudo das actividades peculiares das primeiras idades.

Com o conhecimento das inúmeras vantagens que a vida social podia utilizar, graças à aplicação prática dos princípios psicológicos (especialmente na orientação profissional e na pedagogia), depressa se desenvolveram os estudos da criança, ao ponto de permitirem o estabelecimento de sistemas educativos do mais alto interesse para uma protecção eficiente da infância.

E, se bem que os sistemas eco-

nómicos da maioria dos países não facilitassem uma ampla aplicação dos resultados atingidos pela ciência, alguns houve que dedicaram ao problema a atenção que merecia, e se lançaram interessadamente na protecção infantil.

Assim se verificou uma diminuição nas cifras de mortalidade infantil, com a aplicação e divulgação da puericultura, uma sensível modificação nos sistemas pedagógicos e na repressão da delinquência infantil, a criação de

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

## CARTA DE OLHÃO

# IMPRESSÕES DISTO E DAQUILO

DEZEMBRO, um dia de sol — A vida do espírito existirá enquanto o homem aspirar a qualquer coisa de mais elevado, a uma vida superior e bela. O materialismo, perdão, a

ciência dos nossos dias, na sua marcha confiante e inflexível, nunca poderá destruir totalmente a seiva criadora que gera toda a verdadeira obra artística. Creio, mesmo, que Ciência e Arte correm linhas paralelas, infinitas... Senão, como explicar o número sempre crescente de médicos, engenheiros, matemáticos, etc., que, sem descurarem as suas actividades profissionais, se tornaram romancistas, poetas, músicos e dramaturgos de valor incontestável?

Dezembro, outro dia de sol — Hoje cai o sol na natureza e cai no meu coração: um pequeno poema bastou para tamanho milagre. Oito versos que me encantaram, me aqueceram como um dia de bom Agosto. Talvez o meu entusiasmo seja exagerado, não ne-

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)



## VISÃO DE UM NOVO ANO

MAIS um ano. Um Ano Novo. Mais um sem

número de novas mensagens de esperança, de paz e de concórdia que todos os anos se escrevem, num fremente e angustioso anseio de um mundo novo, de uma vida mais tranquila, gozada na plena liberdade e

bem estar que todos nós tão ardentemente desejamos.

Será 1957 um Ano Bom? Reinará a Paz entre os homens e as Nações?

Todos nós, nos cinco continentes, nos mares e nos céus do mundo inteiro, fazemos veementes votos por que assim seja.

Que os aviões da morte dêem lugar aos aviões da paz, que as bombas e a metralha cedam lugar às barregens geradoras da energia, aos cadinhos do aço construtor; que os tanques de guerra desapareçam e as retortas da ciência e o trabalho produtivo das fábricas tomem o seu lugar e nos proporcionem a abundância que tornará a Humanidade feliz, inteiramente feliz.

Que o dinheiro mal gasto com a guerra seja empregado nas actividades tão necessárias ao progresso, à felicidade, à riqueza dos milhões de indivíduos espalhados pela órbita terrestre. Que a cultura seja apanágio dos homens.

Que o próximo ano seja, de facto, um Ano Novo, sem ódios, sem egoísmos, sem violências nem vilanias!

Binléo e texto de

José dos Santos Marques

## CONTOS, NOVELAS E TIPOS ALGARVIOS

Pelo MAJOR SOUSA NUNES

II

MEM Branquinho do Amendal descendia de uma nobre família muito antiga, caída na mediocridade devido às sucessivas divisões da terra arável.

Seus avós serviram nas lutas liberais que ensanguentavam o solo do País e reduziram à penúria muitas abastadas casas agrícolas. Quando necessitou de se casar, escolheu noiva da sua igualha, que apenas lhe deu um filho, por virtude de uma operação a que teve de sujeitar-se, após o parto.

Este facto permitiu-lhes jogarem-se ao trabalho e fazerem economias. Na morte de seus pais, ficara, por meio de tornas em dinheiro, com as heranças dos irmãos e assim reconstituiu a casa de seus maiores.

Quando o seu filho único chegou à idade de constituir família, foi fácil encontrar noiva rica e a casa do senhor Branquinho com esta adesão pareceu outra. Mas como as aparências estavam longe da verdade!

Deste casamento veio uma rebanhada de netos, seis rapazes e

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Seguiu para Lisboa, por ter terminado a sua licença militar, o nosso prezado amigo e conterrâneo furriel sr. Hercúlo Leiria.

A passar as férias do Natal, encontram-se nesta vila, em casa de seus pais os srs. Raul Fiques de Brito, Fernando Marques, Octávio Rafael Pinto, Manuel Rodrigues Clemente, Eduardo V. da Silva Cavaco, José V. Limon da Silva Cavaco, José Eduardo Capa Horta Correia, António Domingos Mateus da Silva, Raul Domingos Mateus da Silva, Rui Correia Pacheco, António João Rubinho, Álvaro Campero Munhoz, José Afonso Correia Castanheira, Victor Teixeira Marques, João António Pacheco, Manuel José Cipriano, Sebastião Dias Santos Silva e José Norberto Pereira Domingues.

Acompanhado de sua esposa e filhos encontra-se nesta vila, o nosso estimado amigo e assinante sr. Hugo Celorico Drago.

Depois de uma viagem de negócios pelo norte do País, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Rui Martins.

A passar as festas do Natal, esteve com sua família, nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa sr. Damilão Carrilho Medeiros.

Encontra-se em Lisboa, aonde foi passar as festividades do Natal, em casa de seu filho, o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Fernandes Ribeiro.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante sr. Manuel António Caldeira, residente em Lisboa.

Vinda de Lisboa, onde está a estudar, encontra-se nesta vila a menina Maria de Fátima Leiria de Brito, filha do nosso prezado amigo e assinante sr. José de Brito.

Em casa de seus pais, encontra-se a passar as festividades do Natal o nosso prezado amigo sr. Manuel Viegas Pinheiro, navegador de Aeronáutica.

Vindo de Lisboa, encontra-se em casa de seus pais, a passar o Natal, o sr. Francisco Caraca Cipriano, residente em Lisboa.

Vindo de Vila Franca de Xira, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. João Travassos de Brito.

Acompanhado de sua esposa e filhos, esteve nesta vila o nosso prezado amigo sr. Diamantino de Sousa Cardoso, nosso assinante em Tavira.

A passar o Natal com sua família, esteve nesta vila o nosso amigo rev. Padre Dr. Sezinando Oliveira Rosa, ilustre secretário-geral da A. C. P., em Lisboa.

Velo passar alguns dias de licença junto de sua família, nesta quadra festiva, a sr.<sup>a</sup> D. Norma Vaz Pires, assistente social em Pedurido (Castelo de Paiva).

Acompanhado de sua esposa, esteve nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado assinante sr. Ernesto Martins, residente em Olhão.

Acompanhado de sua esposa, filhas e sogra, esteve nesta vila, de visita a sua mãe, o nosso querido amigo e prezado assinante sr. dr. Jorge Lopes Bonança, distinto advogado e funcionário superior da Câmara Municipal de Lisboa.

Encontra-se nesta vila, a passar a quadra festiva, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. dr. Humberto Sérgio de Brito Avó.

Também se encontra nesta vila, com sua família, o nosso querido amigo e assinante em Matosinhos, sr. Emílio Garcia Ramirez, importante industrial de conservas.

A fim de passar as festas do Natal e Ano Novo com sua família, encontra-se entre nós, com sua esposa e filha, o nosso estimado amigo e assinante sr. tenente dr. Santiago João Carrilho Medeiros.

Tivemos o prazer de abraçar nesta vila, aonde veio passar o Natal com sua família, o sr. António Ramirez, nosso preza-

# CALENDÁRIO NOVEMBRO

Frieiras e cieiro e tosses e espirros colocaram Novembro ao lado dos esbirros mandados, do bissexto, a combater, na terra, tudo quanto ao sossego, ao ramerrão, se aferra.

(Infernal sensação essa, dos pés inchados e dos dedos das mãos gordos, avermelhados, proporcionando, a esmo, horríveis comichões, quando o fresco é maior, em certas ocasiões!)

Chegavam, sim, senhor, mas não tão prematuras, em anos de outro tipo, estas friezas duras, vinham no mês seguinte, e a quadra, mui festiva, lá transformava o frio em coisa menos viva...

Não foi deveras mau, porém, o tal Novembro, embora dando jus ao apodo de membro do «bando bissexto»; um breve apontamento, e informado estará todo o ledor atento.

No dia número um, para principiar, entrou logo o Novembro a querer tergiversar: enquanto, mesureiro, o feriado ofertava, sob aspecto pior, meio mundo resfriava...

Mas, ao segundo dia, o dia grave, sério, deixou ir muita gente à paz do cemitério levar flores, saudade, um pouco de calor; nesse, de tempo bom, ganhou justo louvor!

Até ao dia onze, o frio recrudescer, em onze apaziguou, curto armistício deu; (as palavras têm graça: a onze, um armistício e curto, por sinal, de curto benefício...)

Eis o dia dezóito, o dia do Cortejo; o Novembro reluz, de novo bemfeizejo e a tarde desse dia é das melhores prendas com que pode contar um Cortejo de Oferendas!

O Cortejo marcou, em gosto e imponência, cada carro merecendo óptima referência; a quantos, cá na vila, haviam sido feitos, superior resultou, olhando-se a proveitos...

De um honroso lugar, nesta cruzada bela, é bem digna a ridente e vizinha Cabela; ali se trabalhou, sem sombra de preguiça, dez carros a trazer dinheiro e hortaliça!

Na receita total, uns cento e vinte contos, a indústria local bate o comércio aos pontos; não falte, aos do comércio, altruísmo e memória, e talvez, para o ano, outra seja a história!

Mais frio e chuva e vento e o mês finou, em trinta, seus senões e porquês, que o «Calendário» pinta; depois, um mês adiante, o dito «Calendário» cessará de causar sono desnecessário...

E. DE CASSIM

do amigo e assinante em Portimão.

De visita a seus pais, encontra-se entre nós o nosso estimado amigo e assinante em Lisboa, sr. João Cumbreiro Centeno de Sousa.

Com pouca demora, esteve nesta vila, onde foi hóspede do nosso querido amigo sr. dr. José Gomes Cumbreiro, o também nosso prezado amigo sr. arquitecto Alberto Centeno.

Também esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. Domingos Ribeiro Soeiro, funcionário do Tribunal de Contas e professor do ensino secundário particular.

Acompanhado do nosso prezado amigo e assinante em Sta. Maria (Açores) sr. António José Palermo, tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o sr. Gastão Carlos Gomes, residente na mesma Ilha.

### Nascimento

No passado dia 17 do corrente, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Madeira Cruz, esposa do nosso prezado assinante sr. Manuel Cardoso da Cruz.

Mãe e filho encontram-se bem.

### Batismo

No passado dia 25, realizou-se, na Igreja paroquial desta freguesia, a cerimónia do batismo da menina Maria Antonieta Ribeiro Gregório, filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Adelaide Ribeiro Gregório e de seu marido, sr. José Ferreira Gregório, industrial de conservas neste centro. Apadrinharam o acto a tia paterna e o avô materno da neófito, respectivamente, sr.<sup>a</sup> D. Rita Ferreira Gregório e o nosso prezado amigo e assinante sr. Leonel Fernandes Ribeiro, industrial de licoreas, nesta vila. Os nossos parabéns.

Assinala e propaga "Notícias do Algarve"

## FALECIMENTOS

D. Estefânia da Saúde Romeira Gomes

Faleceu nesta vila, no dia 21 do corrente, a sr.<sup>a</sup> D. Estefânia da Saúde Romeira Gomes, de 79 anos de idade, solteira, natural de Castro Marim e aqui residente há anos. A extinta era irmã extremosa da professora oficial, aposentada, sr.<sup>a</sup> D. Maria da Saúde Romeira Gomes, a quem apresentamos as nossas condolências.

Francisco Neves Clemente

No passado dia 22 do corrente, faleceu sibitamente, em sua casa, nesta vila, o sr. Francisco Neves Clemente, de 58 anos, comerciante, natural de Viamonte-Monforte (Alentejo), e aqui estabelecido há muitos anos.

O saudoso extinto era casado com a professora oficial primária, sr.<sup>a</sup> D. Josefa Ribeiro Clemente e pai da sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lurdes Ribeiro Clemente, também professora oficial nesta vila, e dos srs. José Ribeiro Clemente, funcionário do Laboratório de Engenharia Civil, em Lisboa, João Ribeiro Clemente, funcionário do Banco de Portugal, em Portimão, e António Ribeiro Clemente, conceituado comerciante nesta praça.

O seu funeral, realizado no domingo, com grande acompanhamento, constituiu uma sentida manifestação de pesar, pois o falecido era muito considerado e geralmente estimado aqui.

À família enlutada, apresentamos a expressão do nosso profundo pesar.

Manuel António Fernandes

Faleceu nesta vila, no dia 22 do corrente, o sr. Manuel António Fernandes, de 62 anos, natural desta freguesia. O falecido, que era combatente da Grande Guerra, era casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Jesus Fernandes e pai das srs.<sup>as</sup> D. Maria da Encarnação Fernandes, D. Judite de Jesus Fernandes e do sr. Manuel António Fernandes Júnior, industrial de sorveteria e nosso assinante no Barreiro.

À família enlutada, apresentamos sentidas condolências. O funeral esteve a cargo da «Agência Patrocínio».

# PELA VILA

## Embelezamento da Avenida

Em vista ao aformoseamento da nossa bela artéria marginal, foram plantados desde o extremo Norte da Avenida da República até ao cruzamento da mesma, no lado Sul, com a rua 31 de Janeiro, duzentos choupos, que muito irão valorizar o local, quando crescerem.

Continuam, igualmente os trabalhos de prolonga-

## CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.<sup>a</sup> PAGINA)

O frio, tu sabes. Era um caso sério...

Mas não se sentia muito à vontade. E resolveu-se, finalmente, a contar. Há dias, de noite, foi a casa da mulher a dias, a senhora Maria, que mora num pátio. O pátio, conheço-o. Lembra o cenário de uma fantasia. Fica em nível superior à rua. Há que subir uma escada íngreme... N., a meio da escada, parou. Sufocada. Num degrau, um veího estava delatado. A almofada era uma pedra. Coberto? Uns trapos imundos, a cobri-lo. E soprava uma noritada... Caía gelo.

O frio trespassava-me, apesar do casaco e das luvas e do cachecol e tudo. Nessa noite, não dormi, às voltas com o pobrinho encolhido num degrau a ressumar humidade... Aqui tens. Parece que ando vendida, com este casaco. É quente, ora vê. Sim, era quente. Mais quente, ainda, o coração de N. Tem razão, ela. Tem razão. Em Dezembro, ainda é um privilégio ter calor. E privilégio ter um casaco comprido. É para um carácter bem formado há, em todos os privilégios, algo de degradante.

Maria Manuela Nunes

## CASAS

em Vila Real de Santo António

Vendem-se 2 moradas de casas térreas, situadas na Rua dr. Sousa Martins, n.º 83 e 85.

Uma morada de casas térreas, situada no Largo Barão do Rio Zézere, n.º 11.

Recebem-se propostas dirigidas a José dos Santos, Rua Aliança Operária, 55-1.º Esq. — Lisboa.

PORTO RAINHA SANTA ATÉ OS ANJOS BEBEM!... RODRIGUES PINHO & C.ª Vila Nova de Gala



EXCELSIOR As melhores tintas para navios de pesca e comércio FABRICA DE TINTAS EXCELSIOR TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES Avenida da República — Telefone 12



mento do jardim marginal, para o lado sul da mesma avenida, os quais deverão ficar concluídos muito em breve.

## Centro Social de Assistência

Por despacho do sr. subsecretário da Assistência, publicado em 12 de Novembro deste ano, foi criado nesta vila o Centro Social de Nossa Senhora de Encarnação, que prestará assistência materno-infantil, com um lactário e um jardim anexo, patronato para menores em idade escolar e pré-escolar, assistência a inválidos e cantina social, dispondo a modalidade materno-infantil das secções: Pré-Natal para grávidas, Puericultura e Pediatria (para crianças doentes até aos 7 anos de idade). Para estudar a instalação deste melhoramento, realizou-se no passado domingo, 28, uma reunião, a que presidiu o mui dedicado presidente da Câmara, sr. José Victor Adragão, e à qual assistiu, além da comissão instaladora o sr. dr. Brito da Mana, delegado do Instituto Maternal de Faro e a sr.<sup>a</sup> D. Maria Tereza Ortigão Gomes Sanches. A referida comissão ficou constituída da seguinte forma: presidente - dr. Reinaldo Prazeres; vice-presidente - dr. António Manuel Capa Horta Correia; secretário - Manuel da Costa Cardoso; tesoureiro - João de Almeida Cavaco; vogais - dr. José Diogo, eng. António Sanches Barroso, Manuel Rodrigues Alvares, Mário Antunes Lança, Aurélio Clemente e Emílio dos Santos Ferreira.

Trata-se de uma obra de grande alcance social, que muito virá beneficiar a população do nosso concelho, pelo que se impõe o geral apoio dos vilarrealenses, tanto moral como material, com vista a tornar efectivos os benefícios previstos por tão importante melhoramento.

## A Barra do Guadiana

Depois de seis meses de trabalhos, iniciados em Junho transacto, foi terminado agora, pelos serviços competentes de dragagem, o desassoreamento da barra do rio Guadiana, a qual ficou com cerca de mais dois pés de profundidade, na média, com maior largura que antes e com o seu alinhamento rectificado.

Os enfiamentos luminosos para navegação nocturna, do lado português, já se encontram devidamente dispostos, faltando ainda serem ultimados os enfiamentos do lado espanhol, que serão colocados muito brevemente.

## Quem perdeu?

No posto da P. S. P. desta vila, encontram-se depositados e serão entregues a quem provar pertencê-lhes os seguintes objectos: Um lenço de lã, para senhora e um véu, também para senhora.

## VENDE-SE

Propriedade Monte S. Bartolomeu. Dirigir propostas em carta fechada para a Rua de S. Pedro, n.º 21, Faro, ficando-se no direito de não entregar caso as mesmas não interessarem.

Assinala e propaga "Notícias do Algarve"

## AGENDA

### MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António De 22 a 28 de Dezembro:

#### TRAINEIRAS

Maria Rosa	51.560\$00
Flor do Guadiana	50.230\$00
Norte	49.425\$00
Aldita	45.490\$00
Raulito	39.380\$00
Pérola do Guadiana	35.595\$00
Liberta	32.290\$00
Infante	29.785\$00
Audaz	28.660\$00
Levante	27.200\$00
Brisa	25.105\$00
Lenita	22.800\$00
Rajada	21.050\$00
Conceição	17.255\$00
Restauração	17.255\$00
Janita	16.045\$00
Tozé	15.975\$00
Agadão	15.020\$00
Lusitana	13.980\$00
Tóulis	13.450\$00
Tufão	13.270\$00
Deolinda Rita	12.570\$00
Trufante	12.515\$00
Novo S. José	12.375\$00
Persistente	10.965\$00
Arrifana	10.870\$00
Flor do Sul	10.630\$00
Maria Benedito	10.420\$00
Lola	9.920\$00
Sr. <sup>a</sup> da Piedade	8.745\$00
Mirita	8.600\$00
Fóia	8.090\$00
Flor do Norte	7.980\$00
Portugal VI	7.770\$00
Praia Amélia	7.720\$00
Oca	7.490\$00
Dorita	7.405\$00
Clarinha	6.670\$00
Sr. <sup>a</sup> do Altar	6.470\$00
Costa Azul	5.965\$00
Nova Forçada	5.930\$00
Oressa	5.870\$00
Farihão	5.220\$00
Sol	5.120\$00
Pérola Algarvia	4.880\$00
Borges do Régo	4.440\$00
Satiúria	4.410\$00
Cine	3.280\$00
Trío	3.260\$00
Praia do Vau	2.750\$00
Jomanel	2.260\$00
Costa d'Oiro	2.050\$00
Noroeste	1.920\$00
Maria Sérgio	1.805\$00
Flora	1.570\$00
Oeste	1.105\$00
Portugal IV	980\$00
Luís Fernando	680\$00
Salvadora	540\$00
Total	812.255\$00

#### CERCOS

Novo Machado	5.475\$00
Amazona	780\$00
Total	6.255\$00

### Movimento de Navios no Porto

de Vila Real de Santo António

De 21 a 27 de Dezembro:

#### Entradas:

MARIAECK, Alemão, de 1.294 ton., de Setúbal, com carga em trânsito. STARLING, Inglês, de 1.356 ton., de Bristol, com folha de fiandres. GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Tânger, com carga em trânsito.

#### Saídas:

ZÊ MANEL, Português, para Lisboa, com minério. COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério. MARIAECK, Alemão, para Hamburgo e Bremen, com conservas e cortiça. GRANDSON, Suíço, para Génova, com conservas. STARLING, Inglês, para Bristol, com conservas.

#### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 29 de Dezembro a 4 de Janeiro, a Farmácia SILVA, Rua Dr. Miguel Bombarda - Telefone 64.

## FESTA DO CURSO DA "OLIVA"

Realiza-se hoje, em Vila Nova de Cabela, uma sessão solene para o encerramento do Curso de Corte e Bordados organizado pelas máquinas de costura «Oliva». Do programa elaborado salientamos a abertura da Exposição de Trabalhos e a entrega de Diplomas às alunas.

À noite no Cine-Cacelense haverá um animadíssimo baile com a participação da conhecida orquestra «Night and Day».

## COLABORE NA D. C. T.

Compreenda a D. C. T., aprendendo os conhecimentos que ela divulga.

## ALUGA-SE

Armazém, na rua Camilo Castelo Branco. Informa-se nesta redacção.

# O QUE QUEREMOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

dessas raízes — das ancestrais e das actuais, das materiais e religiosas, das cívicas e políticas —; Portugal é este pequeno horto do Ocidente, que teima a todo o transe em não ser apenas jardim, mas isso é muito mais.

Quando da sua mensagem à Legião, em 8 do corrente, o sr. presidente do Conselho preveniu a Nação e o Mundo dos riscos que esta aspiração nacional de sobrevivência honrada e digna correu, viu-se bem que Portugal não esperou que lhe apontassem os caminhos do futuro. Também nessa batalha, com os vizinhos de Espanha, fomos os primeiros. Ouçamos a voz do português que nos soube guiar numa das horas mais agitadas dos primórdios da era atómica:

«Há vinte anos foi nítido para nós — mas não o foi para muitos — em face do caso espanhol, que o que essencialmente se desenrolava no mundo eram conflitos de civilização; ou, mais precisamente, que a civilização ocidental, sendo desmantelada até aos alicerces e batida nos seus princípios fundamentais e nas suas criações por outros conceitos filosóficos, outras maneiras de encarar o homem e a vida, novas medidas de valor para as realizações de espírito. Em face destes conflitos, deviam considerar-se de menor monta as

confrontações das formas de Estado e dos regimes políticos, as divisões partidárias, certas desigualdades sociais, os interesses materiais da vida.

Neste intervalo, as nações bateram-se por hegemonias, os homens pelas riquezas, os governos pelo domínio ou pelo prestígio da sua própria existência. Mas quando nos foi dado viver, ainda que de longe e em segurança, o caso húngaro — a amargura até ao desprezo da vida, a luta sem esperança, o adeus à terra, o abandono dos lares, a dispersão das famílias, a imolação dos fugitivos, a deportação dos inocentes — todos nós pudemos sentir a precaridade de certas coisas por que muitos se batem, para só avultar a transcendência de algumas a que estamos — tantas vezes inconscientemente! — presos pelas próprias raízes de que provimos. Que significa

esse vibrar da consciência nacional? Nós queremos a independência da nossa terra, a inviolabilidade dos nossos lares, a paz no trabalho, a segurança da vida, a liberdade de crer. Tudo isto o queremos seguro e bem nosso — não como falsos profetas no-lo prometem, para o recusarem em ruínas e sangue, segundo todos vemos — mas como o sentimos no mais íntimo da consciência e como no-lo revela o nosso coração de portugueses».

Salazar previne os portugueses de que têm de estar preparados para os novos eventos — e de que não podem deixar de solidarizar-se com o Ocidente, de que somos, porventura, os mais lídimos representantes. Quer dizer, solidarizando-nos com os restantes aliados, mais não fazemos do que ser, profunda, eminentemente patriotas, portugueses, cristãos. **K. C.**



## DESPORTO

### Campeonato Regional do Algarve

Disputaram-se, no último domingo, dia 23, os jogos respeitantes à 2.ª jornada da segunda volta do Torneio de Apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão, tendo-se registado os resultados seguintes:

Lusitano, 5 — Esperança, 1  
U. Sambrazense, 2 — B. Esperança, 1  
Louletano, 2 — Silves, 1

#### LUSITANO - ESPERANÇA

Jogo no campo «Francisco Gomes Socorro», dirigido por um árbitro da A. F. F.

Lusitano: Rodrigues; Pescada, Lopes e Gonçalves; Mendes e Daniel; Parra, Marco, Modesto, Araújo e Ludgero.  
Esperança: José Maria; Carlos, Vidal e Serafim; Augusto e Duarte; Almeida, Andrade, Galaz, Teodoro e Bicho.

A partida entre o Lusitano e o Esperança era decisiva para apurar o primeiro classificado do Torneio, pois as equipas mantinham-se igualladas na classificação geral.

O desafio pode dividir-se em duas partes quase distintas: na primeira, o marcador acusava 2-1, favorável ao Lusitano, mas neste tempo os visitantes tinham dominado, com mais insistência e, por conseguinte, o resultado mais justo seria a igualdade, pois que o Lusitano estava a jogar francamente mal.

No segundo tempo, a equipa vilarrealense entrou a jogar mais e melhor, e não é de estranhar que tivesse marcado três tentos, pois o seu domínio foi constante e avassalador, sempre com os avançados em movimento, trocando entre si passes certos e bem medidos, que punham em constante sobressalto o reduto defensivo da equipa lacobrigense, e desta maneira, não é de estranhar que o marcador tivesse subido, e com um pouco mais de sorte, poderia até ter sido mais ampla.

Marcaram, pelo Lusitano: Marco, Araújo, (2) e Modesto, (2), sendo o tento do Esperança da autoria do avançado-centro Galaz.

Quanto a referências individuais, distinguiram-se, no Lusitano: Mendes, Daniel, no papel de destruir Marco, Araújo e Modesto; no Esperança, Galaz, Augusto, Duarte e o guarda-redes.

O trabalho do árbitro, ainda que cometesse algumas faltas, satisfez.

No jogo em atrazo, Louletano- Unidos Sambrazense, que se disputou no dia 25, venceu a equipa de S. Brás de Alportel, por 1-0.

#### CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
Lusitano	7	5	2	—	28-10	19
Esperança	7	5	—	2	18-10	17
U. Samb.	7	3	2	2	14-11	15
Silves	7	1	3	3	12-16	12
Louletano	7	1	2	4	7-20	11
Boa Esp.	7	1	1	5	7-19	10

#### Jogos para hoje:

Silves - Esperança  
Lusitano - U. Sambrazense

#### Jogo para 1 de janeiro:

Boa Esperança - Louletano

#### Futebol Particular

Disputou-se no dia de Natal, em Faro, no Estádio S. Luís, um encontro entre o Farense e o Lusitano, no qual coube a vitória à equipa lusitanista, por 3-2.

Com este triunfo, a equipa vilarrealense conquistou a «Taça Amizades», que estava em disputa.

Parabéns ao grupo do Lusitano e ao seu treinador por este magnífico triunfo sobre o «leader» do Campeonato da II Divisão (Zona Sul).

S. Salas

## TRIBUNAL JUDICIAL Comarca de Vila Real de Santo António Anúncio

Pela secção de processos da secretaria judicial desta comarca, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Silvestre Miguel Teixeira, solteiro, proprietário, residente no Monte de Pero Dias, freguesia de Martinlongo, desta Comarca, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução sumária movida por António Lopes, casado, comerciante, residente na aldeia e freguesia de Martinlongo.

Vila Real de Santo António, 17 de Dezembro de 1956.

O Chefe da Secção de Processos,  
(a) António Figueiras da Cruz

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

(a) Francisco Nunes Correia

## ILUMINAÇÃO

A lâmpada alemã MERKUR, é a que dá luz mais clara, mais suave, menor consumo, e... não é mais cara.

A VENDA NA

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65

— Telefone 76 —

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



# EDITAL

## RECENSEAMENTO ELEITORAL

José da Silva Rodrigues Moraes, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António:

Faz saber, nos termos e para os efeitos do art. 10.º, da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores do PRESIDENTE DA REPÚBLICA e da ASSEMBLEIA NACIONAL, para o ano de 1957, terão início no dia 2 de Janeiro próximo futuro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

### Ao abrigo do disposto nos artigos 1.º e 2.º da citada Lei:

#### São eleitores e, como tal, recenseáveis:

- 1.º—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português.
  - 2.º—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais.
  - 3.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:
    - a)—curso geral dos liceus;
    - b)—curso do magistério primário;
    - c)—curso das escolas de belas artes;
    - d)—curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
    - e)—curso dos institutos industriais e comerciais.
  - 4.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.
- Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.
- 5.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

#### A prova de saber ler e escrever faz-se:

- a)—Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;
- b)—Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;
- c)—Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;
- d)—Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art. 13.º da citada Lei.

#### A prova do pagamento referido nos 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

- a)—Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;
  - b)—Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.
- Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

#### A prova das habilitações referidas no n.º 3 faz-se:

Pela exibição do diploma de curso, da certidão ou a publica forma respectiva, perante a comissão a que

se refere a alínea a) ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art. 13.º da citada Lei.

#### Não podem ser eleitores:

- 1.º—Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;
- 2.º—Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;
- 3.º—Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;
- 4.º—Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;
- 5.º—Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;
- 6.º—Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;
- 7.º—Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;
- 8.º—Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento, ao Presidente da Comissão Recensadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar, se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados em jornais deste concelho.

Paços do Concelho, 21 de Dezembro de 1956.

a) José da Silva Rodrigues Moraes

# ÁRVORES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

os-Montes, em propagação do repovoamento florestal.

Disse o último destes senhores, em terras do distrito de Bragança, que mais de metade do solo continental se presta à silvicultura e não ao regime arvense.

O meu concelho é formado por terras acidentadas, magras, que a erosão vai a pouco e pouco correndo e descarnando. Algum horto mais aproveitável, que é o encanto e o proveito de seus donos, quando vêm as enxurradas volumosas em terrenos tão declivosos, lá vai, deixando montes de calhu onde havia humo e o desespero onde havia relativa abundância.

Arborizá-lo seria enriquecê-lo. Continuar a agricultá-lo, pagando por duas sementes a semente lançada à terra, é lançar nos paroxismos do desespero e da fome os seus habitantes.

Encontram-se por lá hercúleos exemplares de figueiras, oliveiras, alfarrobeiras e a amendoeira dá-se muito bem e a amendoeira será tão boa como a restante algarvia, quando a tratarem com cuidado.

Mas a população é muito pobre e não pode entregar-se a culturas dispendiosas e de recompensa demorada.

Urge encarar este problema, sem delongas e com carinho.

Uma grande parte do Algarve é serra nua onde só a cabra campeia.

Depois dos sapais, a serra, a serra sem demora. E quando a serra for arborizada, o Algarve verá e sentirá quanto foi valorizado.

As palavras do senhor subsecretário e a lembrança de antigas fogueiras fizeram-me escrever estas linhas.

O anseio de arranjar pão fez desaparecer os matos do meu concelho. Praza a Deus que a árvore não demore em reacender-lhe a lareira e a garantir-lhe um futuro menos penoso e mais farto.

E' por esta época do Natal, que desejamos de paz cristã, o que lhes ambiciona um conterrâneo que as necessidades da vida atiraram para um pouco longe.

Trindade e Lima

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

## A Criança e a Ciência

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Institutos especializados para o tratamento de deficiências mentais, etc.

No entanto, só naqueles países que se orientavam em regimes económicos mais desafogados se iniciaram esses esforços para a criação dum povo sadio de corpo e de espírito, disposto para esse fim de consideráveis somas que permitiram a verificação daquilo que era possível conseguir-se para uma melhoria da vida social.

Ocupou a vanguarda, entre todas, a América do Norte, multiplicando o número das instituições de apoio à infância e animando os estudos experimentais efectuados nesses Institutos e escolas.

Em Portugal, se bem que no campo da puericultura se procure de há uns escassos anos iniciar campanhas e fazer diminuir o índice assustador da mortalidade infantil, a maioria das pessoas desconhece inteiramente quanto já se tem conseguido no campo científico para facilitar o normal desenvolvimento da criança, preparando um adulto capaz de vencer as dificuldades e os perigos da vida moderna.

Os prejuízos que advêm para o País deste desinteresse pela infância nem sequer podem ser adivinhados pela maioria das pessoas, mesmo aquelas que gozam o nome de cultas, em virtude de entre nós se não ter despertado interesse algum pelos problemas relativos às crianças, tanto em livros de divulgação como na própria imprensa.

E se, quanto aos cuidados da saúde física da criança, alguns pais vão procedendo inteligentemente e favorecem a construção de um organismo saudável, com os cuidados e indicações forneci-

dos pela puericultura, a verdade é poderem contar-se pelos dedos aqueles que alguma vez pensaram na preparação psíquica, procurando informar-se sobre os meios que a ciência põe a seu alcance para tal fim.

Mas, o nosso alheamento sobre a questão vai ao ponto de nem sequer se considerar um pouco no problema, mesmo depois de se verificarem adiantados sintomas de deficiências mentais e desequilíbrios nervosos, teimando os pais em tudo atribuir à sua infeliz sorte e às heranças familiares, na maioria dos casos pertencendo a eles próprios todas as culpas, por descuidos na educação da criança e ignorância dos mais rudimentares princípios da psicologia infantil.

Ora, se, por um lado a passada guerra veio perturbar a evolução das aplicações práticas das ciências infantis, fazendo desviar as actividades dos dirigentes para outros rumos, a verdade é parecer vislumbrar-se uma nova época de melhoria social, em moldes mais humanos e valiosos, e na qual a assistência infantil virá a ocupar lugar preponderante entre todas as instituições sociais, fazendo nascer esperanças entre aqueles que sabem encontrar ali, na infância, o remédio para a maioria dos males da nossa sociedade. E, se vem já de muito longe esta concepção, apenas presentemente ela pode aceitar-se como uma realidade indiscutível, graças aos resultados científicos atingidos pela medicina e pelos estudos psicológicos.

António Correia

Assine, o «Noticias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!

## ANO FELIZ

### 1957

VAI começar um Novo Ano, e em todos os corações há a fé que ele seja uma dádiva salutar trazendo bênçãos e felicidades.

Valha-nos a fé, que ela nos salva! Esse novo ano, que nasce com um sorriso de enfeitar, traz-nos uma aragem benéfica, de enternecimento.

Sentimos dentro de nós um conforto desusado, porque durante o ano inteiro, com problemas vários que se apresentam, esquecemos que já tivemos a mesma sensação no ano transacto.

E' uma época de frio, de chuva, a causticar sem piedade, e o nosso organismo agarra-se à necessidade absoluta de um calor reconfortante.

Na esperança em melhores dias, num futuro radioso, todo o gelo desta quadra se derrete de encontro ao calor da ilusão.

Sonhos dos mais lindos são arquitetados, e com

tal consistência que até parecem realidade...

E quando no dia de Ano Bom há Sol a brilhar, a conceder ao dia mais soleinidade, grupos de pessoas saem tomando direcções variadas, em passeios agradáveis. E' um dos dias em que, tradicionalmente, todos gostam de estrear fatos, vestidos ou pelo menos uma insignificante peça, e dizem como remate: — E' para estrear coisas todo o ano...

Novo Ano, vida nova — também dizem.

Mas é puro engano. A vida segue sempre a mesma rota, com suas surpresas, desilusões e a ansia, que nos acompanha, de uma ventura intangível.

Como seria possível o ano de 1957 trazer a todos o que mais desejassem?! Era um impossível, decerto!

Mas, que haja mais compreensão, um sentido nítido e uma maneira de viver com a simplicidade e a beleza perene de zelo fraternal.

A Natureza exuberante, com panoramas de aspectos diversos, presenteia-nos com os campos verdejantes, repletos de sementeiras e que os nossos olhos se extasiavam a contemplar.

O Mar, esse colosso maravilhoso, tem, por vezes, no decorrer da invernia, fúrias soberbas. Depois, vem a bonança, suas águas aquietam-se e murmura, com suavidade melodiosa, uma canção enternecedora. Fito-o com admiração, observo a mudança de tons que se opera com frequência nesse Mar que me prende continuamente.

De Sagres ao Guadiana, sobre até nós, algarvios de barlavento e de sotavento, aquela chama que o Mar nos empresta nos seus dias de heroísmo e nos faz evocar o nome dos nossos marinheiros, de todos aqueles que o Infante D. Henrique ensinou a mareantes.

Que importa que outros portugueses os esqueçam? Urge recordá-los, conservar dentro da memória e do coração essas figuras impávidas do passado, como o nosso solitário Infante a reviver o poema dos «Lusíadas», a Bíblia Imortal dos Portugueses!

Do Mar e da Terra ecoa uma voz de saudação ao ano que desponta.

Engrinaldam-se artisticamente os recantos que mais convidam ao conchego e à meditação, para aqueles que preferem o silêncio e a solidão.

E da atmosfera perfumada pela essência da poesia do primeiro dia do ano, parece chegar até nós uma música harmoniosa, suave e longínqua, que nos saúda cordialmente com estas palavras emotivas:

Um Ano Feliz!  
Natércia Algarve

Visado pela Comissão de Censura

COLABORE NA D. C. T.

Inscrevendo-se voluntariamente, sem qualquer penhor da vossa independência de ideias, além das que representam os mais puros sentimentos patrióticos,

## ACTIVIDADES da Câmara Municipal

### DE PORTIMÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

seu ilustre presidente, a Câmara Municipal de Portimão por editar estes «Relatórios de Gerência», e, sobretudo, pela regularidade com que o tem feito.

Também, pelo sr. Salvador Gomes Vilarinho, presidente da Câmara de Portimão, foi apresentado o plano de actividades e as bases do orçamento ordinário para o ano de 1957.

Desse plano, respigamos as seguintes passagens:

**Urbanização da Praça do Município:**—Terminadas as obras de adaptação do palácio Bivar a Paços do Concelho, vai proceder-se, como complemento lógico e necessário, às de urbanização da praça do Município, no largo fronteiriço ao referido Palácio, em conformidade com o antepiano de urbanização actualmente em vigor. A estimativa da 1.ª fase destas obras é de 250 contos.

**Pavimentação da rua Mouzinho de Albuquerque, avenida São João de Deus e ruas Franca Borges, Vicente Vaz das Vacas e rua da Hortinha:**—O seu orçamento é de 277.966\$00.

**Reparação e Beneficência do Lanço entre Peninha e Portimão, da E. M. da Peninha (E. N. 125) A. E. N. n.º 269 (Atmação de Pera):**—Fase final da pavimentação a macadame e revestimento betuminoso da 5.ª fase. Estimativa, 190.000\$00.

**Revestimento betuminoso da Estrada Municipal da Figueira à Mexilhoira Grande:**—Estimativa, 100.000\$00.

**Alargamento do viaduto de acesso à ponte de Portimão:**—Dada a intensidade do trânsito que se verifica nesta zona da cidade, esta obra é das mais necessárias e urgentes. O seu orçamento é de 185.482\$00.

**Construção da nova Estrada de ligação à Praia da Rocha:**—Esta obra, de grande importância para o turismo da Praia da Rocha, fará a ligação directa da E. N. 125-1.ª. (A ponte da Boa Vista) e a referida praia, com uma variante que, partindo da rua D. Carlos I e passando junto ao viveiro municipal irá entroncar na referida estrada. Estimativa para a primeira fase, 250.000\$00.

**Construção de casas para os magistrados:**—Reclamações dos dig. Magist. Judiciais da Comarca, que já tiveram o seu eco na Procuradoria Geral da República, sobre as deficiências das instalações que, por Lei, a Câmara é obrigada a fornecer-lhes, embora mediante reembolso da respectiva renda ou parte desta, levaram este corpo administrativo a encerrar a possibilidade de construir, em terrenos seus, na Quinta do Malheiro, em zona destinada a construções habitacionais, duas moradias para esse fim. Evitam-se os inconvenientes apontados e dota-se o património municipal com dois novos edifícios, eliminando o encargo das respectivas rendas. Estimativa, 400.000\$.

**Abertura de arruamentos na Praia da Rocha:**—Fiel ao princípio de fomentar a construção de habitações na Praia, propõe-se a Câmara abrir ou construir ali novos arruamentos.

## Quem AVISA...

A Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António faz saber que devem os contribuintes e mais interessados pagar os impostos e obter as Licenças, para o próximo ano, que a seguir se indicam:

**IMPOSTO PARA O TURISMO:**—Durante o mês de Janeiro e mais 60 dias com juros de mora.

**LICENÇAS POLICIAIS** (portábil) — Até ao dia 15 de Janeiro.  
**LICENÇAS DE USO E PORTE DE ARMA DE CAÇA, RECREIO E DEFESA** — Até ao dia 31 de Dezembro (do ano anterior).

**LICENÇAS DE TOLDOS, ANÚNCIOS E RECLAMOS DIVERSOS:**—Durante o mês de Janeiro, e mais 5 dias com juros de mora.

**LICENÇAS PARA BOMBAS ABASTECEDORAS DE GASOLINA, GASÓLEO, AR E ÁGUA:**—Durante o mês de Janeiro, e mais 15 dias com juros de mora.

**LICENÇAS DE CAES** Durante os meses de Janeiro e Fevereiro.

Assine e propague «Noticias do Algarve»

## CONTOS, NOVELAS E TIPOS ALGARVIOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

duas raparigas, e todos se foram ocupando nos amanhos das suas terras, não sendo admitido pessoal de fora, a não ser pelas sementeiras e colheitas.

No fim da primavera, não se via no concelho outra eira com mais volumosa montanha de trigo em volta; no verão, o seu almanjar reunia mais esteiras de fígos do que nenhum outro. A sua unidade de leite produzia cinco vezes mais do que a leiteira do vizinho.

Ninguém vendia mais amêndoa, figo e alfarroba, palha de trigo e carepa de milho. O seu gado de trabalho era o mais possante e o mais gordo da freguesia. Poucos pareciam igualá-lo em riquezas.

Pelo casamento do primeiro neto é que se ia quebrando o encanto. O dote que lhe fez não chegava para manter com honra e brio a mulher quatro meses em cada ano. O sogro dotou a filha igualmente. Que comeriam nos restantes quatro meses, se não fosse a amável generosidade da sogra?

Sabendo isto, o futuro sogro do segundo neto acatoulou-se e propôs-lhe a compra de um «monte», de sociedade, que chegaria para o casal levar vida de ricos. O negócio fez-se, mas as reservas do sr. Branquinho desapareceram todas. Só a honra ficou aumentada. À custa dela, fez o terceiro neto um vantajoso enlace, longe do sítio.

Porém, a tragédia teve lugar no casamento da neta, a formosíssima Maria Branquinho, de que não havia memória de gentileza mais esbelta, de olhos mais sedutores, de mãos mais habilidosas, de entre S. Brás e S. Clemente!

O pai do seu primeiro amor quis ver todas as propriedades do sr. Branquinho, para depois escolher o dote da neta. O avô foi-lhes mostrando todas, até o outro dizer «basta». O sr. Branquinho não tinha mais que mostrar nem que dizer. Senão que fosse bater a outra porta.

Maria fizera então os catorze anos. Nos dez que se seguiram foi um corrupto de pretendentes, das seis freguesias confinantes, S. Sebastião, S. Clemente, Queença, S. Brás, Nexe, a espreitar para dentro de casa, mais para ver o que ainda havia para dar do que para ver os olhos dela.

Maria Branquinho exasperava-se de ir ficando para tia com vinte e quatro anos, tornando as culpas à família de não deixarem o negócio por sua conta. O avô deu-lhe razão e ordenou que deixasse tudo à sua responsabilidade.

E uma véspera de Natal, de um

dia ridente, chelo de sol, como só os conhece o Algarve nesta quadra do ano, não tendo nada que fazer em casa, pediu à sua amiga Francisca do Canto que lhe arranjasse lugar no seu carro, para a vila. Satisfeito o pedido com muito agrado, encontravam-se à porta da poitada, quando viram passar um elegante moço à moda de Lisboa. Ambas sentiram um grande desejo de lhe verem a cara, e deitaram-se a correr atrás dele.

Quando lhe passaram adiante, a sua amiga, fixando-o, soltou uma gargalhada:

— Olha quem ele é!

— Como, passa? — cumprimentou a Branquinho, estendendo-lhe a mão e colocando-se a seu lado. Está há muito no Algarve?

— Cheguei esta manhã.

— E vai-se já embora?

— Vou ver este lado da vila.

— Também eu. Importa-se de que vá ao seu lado?

— Só me desvaneco tão grande honra, disse, admirado.

Boaventura era um moço alto e delgado, que ainda não fizera os dezóito anos, filho de uma vizinha muito pobre da Maria Branquinho. Ninguém sabia por que artes se empregou, de muito novo, num grande estabelecimento de Lisboa, como «groom», de que hoje fazia a escrita e enquanto estudava de noite.

Foram conversando e rindo, muito unidos até ao jardimzinho de S. Sebastião e sentaram-se muito juntos. Toda a gente que passava, para baixo ou para cima, ficava embasbacada a olhar para eles.

— Estaremos a dar espectáculo? — inquiriu ele.

— Nunca viram uma rapariga do campo falar assim com um rapaz de Lisboa. Vou vestir-me à moda da cidade, para ninguém estranhar, se nos virem outra vez. Quanto tempo se demora e quando volta de novo?

— Vou-me embora depois do Natal e volto no mês de Agosto.

— Oh, que pena! Gosto tanto de falar com você e tenho sempre tanto para lhe dizer! Mande de lá notícias suas, quero? — lembrou-lhe, com os lábios a tocar-lhe na sua orelha.

— Não poderão julgar, quem não souber — que têm um fim as nossas cartas?

— Que importa!

— Pode ser prejudicada no seu casamento.

— Chegarei alguma vez a casar, com todas essas cautelas? Hei-de namorar, de futuro, quem eu gostar, sem olhar a consequências. A minha amiga recebe esta tarde e esta noite rapazes e raparigas para cantarem a Deus Me-

— Já não é preciso, meu queri-

— Dança comigo?

— Sempre...

Na poitada, separam-se, e ao cair da tarde lá estava em casa da amiga, em cumprimento do convite e ao toque do acordeão dançou com a Branquinho, enquanto fez ar de dia, voltando à noite.

No dia de Natal, tornaram a ver-se e a conversar. No dia 26 seguiu para Lisboa. Até ao mês de Agosto foi inteiramente diversa do que fora desde que cresceu. Não dava a mínima atenção a nenhum dos seus antigos ou futuros galanteadores, dedicando-se exclusivamente à costura de raparigas, tomando lições e praticando na vila, em casa das melhores modistas.

Fora disso, escrevia longas cartas de amizade a Boaventura. No segundo ou terceiro domingo de Agosto, de tarde, o avô convidou um grupo de homens e de rapazes para uma ajudada a varejar alfarroba no «monte», e um rancho de raparigas para as apanhar.

Horas depois, apareceu Boaventura, que não fora convidado do sr. Branquinho. Cumprimentou todos, apertando a mão polidamente e prodigalizando gestos amigáveis aos que as tinham ocupadas, ficando desconsolado do frio acolhimento que os homens lhe fizeram.

Quis ajudar também, apanhando algumas alfarrobas para as alcófas das raparigas. Um, mais confiado, disse, em ar de troça:

— Os homens tomam uma vara e varejam.

— Haverá quem tenha alguma dívida de que eu seja capaz, de que eu saiba e possa fazer tudo o que os senhores fazem?

Uns sorriram e outros ficaram sérios. Maria chamou-o para o pé de si e disse-lhe:

— Fale só comigo.

— Aqui e com esta gente toda a olhar?

— Volte à noite, ou vou a sua casa amanhã de manhã. Tenho muito que lhe dizer. Vou partir para Lisboa, trabalhar de modista ou outra coisa.

— Sôzinha em Lisboa, sem conhecer ninguém, é um perigo!

— Tenho-o a você lá. Logo falemos... Não posso admitir que hei-de fazer aqui os vinte e cinco anos, solteira, com a Teresinha, minha irmã, já a namorar! Odeio isto tudo e quero fugir ou matar-me.

— Logo falamos, como há-de ser...

Dois dias depois, ele largou para Lisboa, a tratar da sua instalação, e decorridos quatro dias recebeu uma carta dela, onde lhe dizia:

— Já não é preciso, meu queri-

## Carta de Olhão

### IMPRESSÕES

#### DISTO E DAQUILO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Mas, leitor amigo, o João Carlos Passos Valente tem apenas 15 anos de idade. Quinze anos! Ora vejamos o que ele escreveu, há poucos dias:

### ARTE POÉTICA

Quem pudera exprimir o pulsar das noites estreladas; e aquele brando e ténue respirar que se evola das tardes irisadas!

Quem pudera dizer essa voz de vibrações aladas, que fica ressoando dentro em nós na indecisão das coisas só sonhadas!

Dezembro, o último mês do ano — As palavras repetem-se e banalizam-se, quando se aproxima a segunda quizenza deste mês privilegiado. Natal, passagem do ano, Ano Novo... Recordações, lamentos, risos, esperanças... Velhos que suspiram pelo passado, jovens que suspiram pelo futuro; ninguém quer pensar no presente, neste presente confuso e terrível.

Sim, as palavras banalizam-se, porque milhões e milhões de seres as repetem; as escrevem, quase automaticamente, de uma terra para outra, deste país para aquele, num círculo que seria deslumbrante, se fosse eterno. Mas os votos de Boas-Festas, de Felicidade ou de Paz, são fáceis de dizer. Eis a terrível verdade: não passam de simples palavras, que se esfumam melancolicamente nos primeiros dias do novo calendário. Falta-lhes qualquer coisa, qualquer coisa...

Olhão, 1956.

António Macheira

do. Vou casar dentro de oito dias, nas melhores condições que podia esperar, com um viuvo muito rico, que foi meu quarto namorado. Levo a Teresinha comigo. Sou mais rica do que o avô Branquinho. Tenho muita pena de não ir para Lisboa, depois de tudo que se passou. Adeus, e muito, muito obrigada.

Sousa Nunes